

---

**AFINAL, QUEM É O DETETIVE?: UMA POSSIBILIDADE DE  
LEITURA DA OBRA  
BERENICE DETETIVE, DE JOÃO CARLOS MARINHO**

After all, who is the detective?: a reading possibility of  
João Carlos Marinho's *Berenice Detective*

Eliane Ap. Galvão Ribeiro Ferreira<sup>1</sup>  
Ana Suellen Martins<sup>2</sup>

**RESUMO:** *Berenice Detective* é a quinta obra da série “A Turma do Gordo”, criada por João Carlos Marinho (1935-). Seu título justifica-se, pois a obra pertence a essa série de viés detetivesco. Em sua narrativa, a turma desvenda a morte da escritora Rosinha, vítima de envenenamento, durante uma manhã em que participa de um debate na escola, onde Gordo e seus amigos estudam. Em meio à investigação, são levantados vários acontecimentos que mantêm o suspense, como a disputa entre Estados Unidos e Rússia, instaurando o mistério de quem matara a escritora, visto que esta trabalhava com genética em pesquisas sobre a busca do homem perfeito. Algumas hipóteses são levantadas para chegar até o culpado, sempre com a liderança de Berenice. O estilo do autor tende à hipérbole, o que provoca efeito de humor. Trata-se de uma característica muito peculiar da produção de Marinho. Sua obra, pelo viés estético, revela seu cuidado com a linguagem e com os elementos que permitem perscrutar o universo infantil e juvenil sem invadi-lo ou torná-lo piegas. Objetiva-se, então, neste trabalho refletir sobre como se efetiva a descoberta do crime, chega-se até o criminoso ou os criminosos, como se articulam os processos investigativos, retomando os expedientes do romance policial e, sobretudo, quais elementos conferem prazer ao leitor durante a leitura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romance policial; *Berenice detective*; Turma do Gordo; Literatura infantojuvenil.

**ABSTRACT:** *Berenice Detective* is the fifth book of the "The Gordo's Gang" series by João Carlos Marinho (1935-). Its title is justified because the work belongs to this detective bias series. In this narrative, the group unveils the death of the writer Rosie, poisoning victim during the morning that she participates in a debate at the school where Gordo and his friends study. Amid the investigation, several events keep the suspense - as the dispute between the United

---

1 Professora Doutora na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, no departamento de Linguística da FCL – Assis, São Paulo. Membro do Grupo de Pesquisa “Leitura e Literatura na Escola” (UNESP-Assis/SP). Fundunesp.

2 Mestre pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Câmpus de Assis, São Paulo.

States and Russia - establishing the mystery of who killed the writer, who was working with genetics research on the perfect man's search. Some hypotheses are raised to get to the guilty, always with Berenice's leadership. The author's style tends to hyperbole, which causes a humorous effect. It is a peculiar feature of the Marinho's production. His work, through an aesthetic bias, reveals his care with language and with the elements that allow peer into the children's and youth's universe without invade it or make it mushy. The objective is then to think about how the discover of the crime is performed, how they discover the criminal or criminals, how the investigative processes articulates, returning to the characteristics of the detective story and, above all, what elements give pleasure to the reader during the reading process.

**KEYWORDS:** Detective novel; *Berenice detective*; "The Gordo's Gang"; Children's literature.

## INTRODUÇÃO

O romance *Berenice Detetive*, de João Carlos de Marinho, publicado originalmente em 1987, é o quinto volume da série "A Turma do Gordo"<sup>3</sup>. Neste texto, optou-se por analisar a décima quarta edição, publicada em 2007. Seu título justifica-se, pois toda série atende ao viés detetivesco. Marinho recebeu, por *Berenice Detetive*, o Prêmio Mercedes-Benz de literatura juvenil na categoria melhor obra publicada de 1986 a 1988 e, em 1988, o "Altamente recomendável para o jovem", pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ. A série, da qual faz parte a obra aqui analisada, é composta por 13 narrativas, sendo a mais recente publicada em 2015, cujo título é *O fantasma da Alameda Santos*. Desde 1969, com a publicação do primeiro livro da série, *O gênio do crime*, Marinho envolve seus leitores nas mais variadas aventuras do Gordo e seus amigos.

João Carlos Marinho Homem de Mello nasceu em 1935, no Rio de Janeiro, aos cinco anos de idade muda com sua família para Santos, no litoral paulista. Formou-se em Direito pela Universidade de São Paulo – USP, exerceu a profissão de advogado durante alguns anos na área trabalhista. Conforme dados biográficos de *Berenice Detetive* (MARINHO, 2007), fez o primário no Ateneu Progresso Brasileiro.

De acordo com Nelly Novaes Coelho (1995, p.469), seus estudos iniciais foram realizados no Colégio Mackensie, em São Paulo, e seu colegial em Lausanne, na Suíça, "[...] onde obtive o diploma Maturité Fédérale Suisse." Sua carreira de escritor tem início com o romance *Professor Albuquerque*, publicado em 1973; seguido de *Pedro Soldador*, de 1976; de um livro de contos: *Pai Mental e Outras Histórias*, de 1983; de outro de

---

3 No presente trabalho, será grafado Gordo com letra maiúscula. Apenas nos trechos transcritos das narrativas, será mantida a grafia usada por Marinho, que escreve o nome de sua personagem em minúscula.

poesia: *Anjo de Camisola*, de 1988; e da obra *Dueto de gatos (e outros contos)*, publicada em 2012. Embora tenha escrito livros para adultos, foi na literatura infantil e juvenil que se destacou como escritor, como é possível perceber pelos prêmios recebidos por *Berenice Detetive*, bem como por outras obras, pela crítica e pela tiragem de seus livros.

Tratar de narrativas de suspense destinadas ao público jovem, conforme Lajolo e Zilberman (1999), requer referência a João Carlos Marinho. Para Coelho (1995, p.469), Marinho é um dos escritores contemporâneos mais fecundos “[...] no processo de construção da literatura infantil e juvenil [...]”. Quando se estuda sobre o gênero romance detetivesco em literatura destinada ao público em formação, destacam-se suas obras clássicas, como *O gênio do crime*, que o projetou no cenário literário brasileiro. Justifica-se a classificação de suas obras como infantojuvenis, primeiro pela idade de seus heróis mirins: dez anos; segundo, pela temática detetivesca que tanto atrai o público juvenil.

Zilberman (2005) afirma que Marinho abriu o veio da narrativa policial tão pouco frequentado na literatura infantil até então, quando publica a sua série de livros cuja personagem central é o Gordo, conhecido também por Bolacha ou Bolachão. A Turma é formada por este protagonista e por Berenice, Pituca, Edmundo, Mariazinha, Hugo Ciência, Silvia, Godofredo e Zé Tavares, todos colegas da mesma escola, além dos adultos que atuam como comparsas e são marcados por excentricidades: Frade João e o Mordomo Abreu.

Seu espaço cênico é a cidade de São Paulo. Durante a leitura, o jovem leitor é convidado a transitar pela capital, por meio das referências a ruas e lugares conhecidos do paulistano. Como as histórias são resolvidas pelos jovens heróis, facultam identificação a esse leitor com a trama. Suas personagens, no cotidiano, realizam atividades corriqueiras para a idade, como frequentar a escola, assistir a aulas, conversar com amigos, estudar em grupo, fazer atividades extraclasse, entre outras, ampliando essa identificação. Além disso, saciam o desejo por aventuras desse leitor, pois realizam, por ele e para o deleite dele, performances arriscadas e ousadas.

Marinho é capaz de cativar o leitor a cada página, pelo recurso ao humor, suspense, enigma, absurdo, à ironia e paródia, mas também à interação. Isso se torna possível, pois adota uma postura ausente de preconceitos e permite que os agentes sejam as próprias personagens mirins. Apesar das limitações impostas pelo fato de serem muito jovens, essas personagens utilizam-se de perspicácia e recursos tecnológicos para a resolução dos enigmas.

A sua opção, pela produção em série, permite-lhe cativar e fidelizar seu leitor, pelo conforto produzido pela sensação de familiaridade, pois, durante a leitura, o jovem reconhece as personagens de obras anteriores. Além disso, o próprio suspense da aventura detetivesca prende o interesse do leitor do início ao fim da história, instaurando lacunas, vazios intencionais que geram expectativa e tensão, e solicitam posterior preenchimento. Para Iser (1999), o anseio de estabelecer um diálogo com o leitor resulta da função comunicativa do texto. Graças a essa função, há pontos de indeterminação que, presentes no discurso do narrador e das personagens, conferem mistério à narrativa e solicitam do leitor implícito uma interação.

Com um estilo que o diferencia dos demais escritores que se dirigem ao público infantil e juvenil, Marinho aborda a violência de modo exacerbado na trama, aliada a um olhar atento e crítico da realidade circundante, produz um texto interessante ao público a que se dirige. Em suas obras, embora o papel de vilão recaia sobre os adultos, não prevalece uma visão maniqueísta, pois os jovens protagonistas, em vários momentos apresentam comportamentos anti-heroicos: eles dissimulam suas intenções, mentem, enganam os pais, faltam às aulas às escondidas, entre outras ações. Além disso, aproximando-se da produção de Lobato, suas jovens personagens contam com a ajuda de comparsas adultos que não hesitam em ingressar na aventura.

Conforme Lajolo e Zilberman (1999), Marinho, ao optar pelo espaço urbano e pelo tempo cotidiano em que vive a classe média e alta paulistana, distancia-se da produção aventureasca infantil e juvenil que elege o espaço mítico para as peripécias e o período das férias escolares dos heróis.

#### A LITERATURA INFANTOJUVENIL E O ROMANCE POLICIAL

Para Todorov (1970), na tipologia do romance policial, destacam-se dois tipos de narrativas: a do crime e a do inquérito. A partir do modo como estas duas histórias se articulam, é possível distinguir, ainda, três categorias de narrativas policiais: o romance de enigma, o romance negro e o romance de suspense. No romance de enigma, há destaque para a história da investigação. Por meio desta, o leitor acompanha os procedimentos adotados pelo detetive até a resolução da primeira história, a do crime. O detetive goza de imunidade até o fim da narrativa. Diferentemente, no romance negro, as duas histórias se superpõem, aumentando o suspense, pois o detetive agora não é mais imune à ação do criminoso e a narrativa se dá ao mesmo tempo da

ação. O detetive atua ao lado do criminoso, procurando adiantar-se a este. O terceiro tipo, o de suspense, situa-se entre os dois anteriores. Assim,

Não é de espantar que entre essas duas formas tão diferentes tenha podido surgir uma terceira, que combina suas propriedades: o romance de suspense. Do romance de enigma, ele conserva o mistério e as duas histórias, a do passado e a do presente; mas recusa-se a reduzir a segunda a uma simples detecção da verdade. Como no romance negro, é essa segunda história que toma aqui o lugar central. O leitor está interessado não só no que aconteceu, mas também no que acontecerá mais tarde, interroga-se tanto sobre o futuro quanto sobre o passado. Os dois tipos de interesse se acham pois aqui reunidos: existe a curiosidade de saber como se explicam os acontecimentos já passados; e há também o suspense: que vai acontecer às personagens principais? (TODOROV, 1970, p.107)

Segundo Vera Maria Tietzmann Silva (1995), as narrativas juvenis situam-se entre o terceiro tipo de romance policial: o de suspense. Desse modo, essas narrativas juvenis mantêm aspectos dos romances policiais tradicionais, pela presença de um crime e a busca por resolução deste. O gênero, que se popularizou entre os adultos a quem se dirigiam inicialmente, é adaptado quando voltado ao público jovem e infantil. O detetive que será uma criança ou um jovem não goza mais da imunidade, instaurando um clima de suspense a cada ação investigativa. A ação do crime e a investigação, por sua vez, acontecem ao mesmo tempo. O papel de criminoso, ou seja, do vilão será reservado a um adulto (LAJOLO;ZILBERMAN, 1999).

Em *Berenice Detetive* há a presença dos expedientes do romance policial, como a questão do crime, a investigação e a resolução do enigma instaurado. Como a obra se dirige ao público infantojuvenil, os próprios jovens atuam na investigação, arriscando, inclusive, suas vidas. Nesta e nas demais obras da série, Gordo e seus amigos sempre enveredam nas mais diferentes situações, adiantando-se aos adultos. Inclusive, na esteira de Conan Doyle, com seu protagonista Sherlock Holmes, eles adiantam-se à própria polícia. O suspense se instaura, pois, quando o leitor acredita que o crime será resolvido, mas, de fato, o jovem detetive acaba preso, correndo até risco de morte. Da descoberta do criminoso, a história passa, então, a ser, em determinado momento, sobre o desfecho do herói.

## POR DENTRO DA INVESTIGAÇÃO

Durante a leitura de *Berenice Detetive*(2007), o leitor acompanha o desenrolar da história por meio de um narrador heterodiegético que lhe apresenta os fatos paulatinamente, mas sem antecipar informação alguma. Há referência à cidade de São Paulo em várias cenas, por exemplo: “A perua Kombi do frade João levou nossos amigos até a rua Cônego Eugênio Leite, no prédio onde morava Hugo Ciência, no 8º andar.” (MARINHO, 2007, p.25).

A história se passa nessa capital, na “[...] tarde do segundo semestre de 1986”(MARINHO, 2007, p.9) e, em geral, na casa do Gordo, no prestigiado Alto de Pinheiros, onde a turma se encontra e se revela alvoroçada, pois, no dia seguinte, sua escola receberá a presença da famosa escritora Rosinha. Todos combinam de levar-lhe um presente, ainda mais porque mesmo doente sairá do hospital para a escola, a fim de proferir sua palestra.

No dia seguinte, na escola, após responder a algumas perguntas, Rosinha aprecia seus presentes. Pega uma maçã, entre as várias que recebera dos alunos, dá uma mordida e passa na palma de sua mão um perfume: *Fleurs d’Orlane*. Ela aspira o seu aroma e indica que comentará sobre os presentes, contudo, não termina a frase, pois cai morta no chão. Quando chega o médico, confirma o óbito da escritora. Surge, assim, o grande mistério a desvendar; quem matou Rosinha no dia em que deu uma entrevista aos alunos da escola, onde a Turma estuda. Devido à saúde debilitada da escritora, o delegado concorda com o médico de que ela morrerá do coração, julgando desnecessária a autópsia.

No enterro, os protagonistas conhecem uma figura exótica: o guru Ievardhu, pai de uma colega de escola – Nadja –, cujos ensinamentos de vida tornaram-se modismo na classe prestigiada. Sua descrição revela a competência do autor em produzir efeito cômico e projetar com precisão imagens plásticas e sinestésicas, compostas por elementos do cotidiano de seu leitor. Pelo emprego da conjunção adversativa “mas” na descrição do guru: “[...] cabeludo, barbudo, descalço, mas bem limpo, que vestia uma espécie de lençol amarelo vivo.” (2007, p.17 – grifo nosso), o narrador instaura a potência de negação que suscita dedução do leitor, pois, embora não afirme, ele se surpreende com o fato do guru ser limpo, ter higiene, apesar da aparência desleixada. Como é acompanhado de 16 jovens vestidos da mesma forma, sua saída, com ares de reprovação da cena que presencia,

diverte o leitor pela descrição: “[...] foi embora imediatamente, acompanhado pelos discípulos, numa revoada de amarelo vivo.” (2007, p.18 – grifo nosso).

Desse modo, pela leitura, o jovem amplia seu imaginário e desautomatiza seus conceitos prévios sobre o uso da linguagem. Pela dialogia que a obra estabelece com livros que Gordo e Berenice leem, sua narrativa amplia suas referências estéticas. Além disso, a plasticidade de algumas descrições reforça a dialogia com livros canônicos, como na cena em que o Gordo come algodão doce e, pela representação metonímica, pode-se reconhecer o gato da história *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll: “Não se via a cara do gordo, encoberta por um enorme floco de algodão-doce. Não deixava de ser uma espécie de mágica, à medida que o gordo comia, os contornos da face iam aparecendo, primeiro o nariz, depois os olhos, finalmente o algodão desaparecia e o gordo ficava nítido.” (MARINHO, 2007, p.55)

Quem conduz as investigações são as próprias personagens mirins, lideradas pela Berenice, namorada do Gordo, que questiona: “Não fizeram a autópsia de tia Rosinha, como podemos ter certeza de que não foi envenenada por aquela maçã?” (MARINHO, 2007, p.18). A turma decide, então, desenterrar o corpo da escritora e retirar parte do estômago e do fígado para análise. Para tanto, combinam de se encontrar em frente ao Cemitério São Paulo à meia-noite. Com a ajuda do Frade João, capuchinho que está presente nas aventuras desde *Sangue Fresco*, publicada em 1982, desenterram o corpo e colhem material, a fim de que Hugo Ciência faça exames que lhes permitam detectar se houve ou não envenenamento. Após as análises, descobre-se que a escritora fora envenenada com cianureto que, segundo o Frade é “[...] o veneno dos espiões [...]”, devido à sua ação rápida (MARINHO, 1987, p. 29).

Os jovens decidem ir à casa da Tia Rosinha para ver se acham mais alguma pista. Quem os leva é o exagerado e violento Frade que os ajuda a resolver a situação com o vigia: dá um coque na cabeça deste que cai desmaiado, amarra-o com o cordão de sua batina, amordaça com o capuz e o coloca na parte traseira da Kombi. Em seguida, despede-se dos jovens, pois precisa rezar as matinas. Avisa que retornará para pegá-los.

Com a turma no interior da casa, Edmundo dirige-se ao andar de cima, pois ouve um barulho. Ele se encontra com um homem grandalhão que estava colocando papéis em uma bolsa de mão. O menino fecha a porta e questiona o que o estranho está fazendo lá:

O homem deu um grunhido e mandou um pontapé no estômago de Edmundo: o menino virou de lado e o pontapé raspou-lhe a coxa, doendo mas não machucando.

Então o sujeito deu um soco na cara do Edmundo sem largar a pasta da mão. Edmundo, sempre de lado para o homem, levantou o braço esquerdo em frente à cara, e o soco desviou-se pela própria inércia, deixando o adversário com a defesa aberta. (MARINHO, 2007, p. 32)

Nota-se, nessa cena, que Marinho exacerba a violência, pois o suspeito ataca o jovem de forma agressiva, desconsiderando sua idade. Seu narrador relata com naturalidade as agressões a Edmundo. Assim, não há complacência com o protagonista, o que agrada ao jovem leitor, pois sente que o herói, no qual se projeta tem o mesmo estatuto que os adultos, não sendo subestimado pelo escritor. O suspeito foge, mas os heróis mirins descobrem que se tratava de Joaquim Serapião, escritor de livros, revisor do *Diário Oficial* e amante de Rosinha. Durante as investigações na casa da escritora, encontram uma carta de amor dele à escritora.

Mesmo acreditando que o assassino já retirara as provas do local, os jovens continuam vasculhando e encontram escrituras da compra recente de dois apartamentos e o extrato semestral da conta bancária da escritora e se surpreendem ao identificar um depósito mensal em uma quantidade bem elevada. Indagam-se, então, sobre quem a pagaria. Para Berenice, esta pode ser, aliás, a chave do crime.

A investigação segue o rumo da maçã envenenada. Desse modo, Berenice e seus amigos começam a interrogar os alunos que deram maçã à Rosinha no dia de sua morte. Em meio aos acontecimentos, eles deparam com situações complexas, como o câncer do Carlos Eduardo, filho de seu Alberto, ea separação dos pais de Anderson, as quais assumem importância no desfecho da história.

Para descobrirem quem fez os depósitos, os jovens contam com a inteligência de Hugo Ciência para burlar o sistema operacional do banco. Depois de muitas tentativas, a turma sabe que o cônsul russo, Nicolai Nikiforovich, é o responsável pelos depósitos. Berenice decide averiguar sua relação com o caso, interrogando-o sobre que tipo de trabalho Rosinha realizava para ele. Nikiforovich responde que:

– A Rosinha fazia pesquisas muito avançadas de genética, num laboratório que ela tem em São Roque. Foi aluna predileta do professor Testar. Agora que o Testar abandonou as pesquisas, a

Rosinha era a pessoa mais entendida no mundo em genética. (MARINHO, 2007, p.57)

A mulher trabalhara, inicialmente, com o cônsul dos Estados Unidos, mas como a oferta salarial do cônsul da Rússia era maior, passou a desenvolver as pesquisas sobre genética para ele. Nesse ponto da trama, o leitor se indaga sobre as motivações do assassinato, será que se trata de um indivíduo específico ou será queima de arquivo, graças a um jogo de interesses entre Estados Unidos e União Soviética, no contexto da Guerra Fria? Essas hipóteses levantadas ao longo da narrativa divertem e envolvem o leitor que acompanha, em estado de tensão e expectativa, as descobertas e investigações dos jovens detetives.

Hugo Ciência e Biquinha vão até o laboratório onde Rosinha trabalhava em São Roque para levantar mais pistas. Entram pelo telhado, anotam os endereços dos três biólogos que trabalham no local e encontram uma carta rasgada, que Hugo Ciência consegue decifrar: “Agente americano contratado para matá-la. Cuidado. Um amigo.” (MARINHO, 2007, p.100).

Berenice indaga, então, o cônsul dos Estados Unidos, Mister Stanley James, para saber a razão de ter dado uma maçã a seu filho. Ele declara que uma fruta por dia faz bem à saúde e, também, afirma que lamenta receber os colegas de seu filho em um dia que não está de bom humor, pois sua esposa – Deborah –, por problemas com o álcool, resolvera se separar e retornara para os Estados Unidos. Justamente, por isso, pede aos meninos apoio moral ao seu filho: Anderson. Berenice se aproxima dele e o intima a ler seu livro – *Ninguém faz a minha cabeça* – e, depois, fornecer a ela apreciação crítica. Essa obra é reconhecida pelo leitor que acompanha a série, pois estabelece dialogia com outro livro de Marinho: *O livro da Berenice*, publicado em 1984, em que se narra sua escrita e publicação. Reencontrá-la durante a leitura produz a sensação de familiaridade e, por consequência, de conforto ao jovem leitor fiel à série.

Com a proximidade, ambos decidem namorar, o que aborrece o Gordo. Berenice convida Anderson para irem a uma tarde de autógrafa de seu livro na Bienal. Nesse local, ela reconhece Serapião, também, lançando um livro. Com a ajuda do namorado, ela despista o suspeito, enquanto Anderson rouba a bolsa deste, a fim de descobrir mais pistas para o caso. Na casa do Gordo, o garoto leva os 30 mil dólares que encontrou na bolsa de Serapião. Berenice acredita que o homem esteja chantageando o verdadeiro assassino e seguindo-o será possível chegar ao criminoso. A turma se organiza em duplas para segui-lo e todos combinam de avisar de hora em hora na central telefônica da casa do Gordo sobre qualquer descoberta.

Berenice constitui dupla com Anderson, mas este viaja e não comparece no dia marcado. Além de deixar a garota furiosa, faz com que decida ir sozinha seguir o escritor, pedindo ajuda ao Abreu, mordomo da casa do Gordo, que a leva em seu *Buggy Coyote*.

Serapião chega a um chalé e, depois, juntam-se a ele, seu Márcio e o guru Iervadhu. Com cuidado, Berenice e Abreu circundam o chalé para poderem ouvir a conversa deles. Confirmam-se as suspeitas de Berenice, pois Serapião estava chantageando o criminoso, seu Márcio, que é o sobrinho da escritora morta.

A tensão é instaurada: Abreu e Berenice são descobertos pelo corcunda, empregado de Serapião, e não há quem possa salvá-los, pois não avisaram a ninguém sobre seu paradeiro. Márcio planeja como serão mortos: drogados e afogados na represa Guarapiranga, para simular que estavam viciados. A polícia já estava desconfiada da implicação do mordomo Abreu no assassinato, pelas suas excentricidades, e Berenice era vista como muito inconstante em seu temperamento. Assim, a morte de ambos não levantaria suspeitas, segundo seu Márcio:

– Soube que a polícia já está intrigada com este mordomo – [...] – Não o conhecia de vista, mas ouvi o boato. Ele, com o cinturão de *cowboy* de fivelão de prata e o *Buggy* todo borrado de cores, tem a pinta de mocinho revoltado e drogado.

[...]

– O Rodolfo me disse uma vez, que a Berenice tem reputação de ser menina inconstante – [...] – A inconstância produz ansiedade e a ansiedade leva ao vício. (MARINHO, 2007, p. 110)

Márcio enfatiza para não exagerarem na dose de barbitúricos, pois perceberiam na autópsia que eles morreram antes de se afogar, pela ausência de água nos pulmões.

Na mesma manhã em que Berenice sumiu, Gordo faltou à escola e procurou no shopping Ibirapuera o perfume dado à Rosinha. Como, ninguém conhecia esse perfume, deduziu que não fora comparado no Brasil. Devido à falta de notícias, o jovem decide, com a ajuda de Edmundo, Pituca, Godofredo e Zé Tavares, ir até à casa de Serapião para descobrir o paradeiro de Berenice. Eles lutam com Serapião, imobilizam-no e o interrogam, mas não obtêm informação alguma. Nesse momento, o investigador da Polícia chega e conduz Serapião à delegacia para depoimentos, mas como não havia provas, ele é liberado.

O Gordo pede a Pituca e a Edmundo para seguirem Iervadhu e seu Márcio, respectivamente. Após muitas perseguições, os suspeitos conseguem despistar os meninos. Diante disto, Gordo fica preocupado e começa a pensar em uma estratégia para descobrir onde está Berenice. Pega a carta que Serapião escrevera à Rosinha e procura pistas. Há a referência a um local “juntos às águas” e, pela direção que o carro dirigido pelos criminosos tomou, quando despistou Pituca e Edmundo, o Gordo deduz que a casa se situava perto da Billings ou Guarapiranga, mas isso era muito amplo. Ele se lembra, então, do envelope da carta. Rapidamente, com seu pai, vai à casa de Berenice procurá-lo. Com o endereço em mãos, o jovem detetive o rascunha para a mãe de Berenice e pede que ela avise a polícia. No entanto, devido à letra terrível do Gordo, a mãe da protagonista acaba informando um local oposto ao que Berenice está. Nota-se, assim, que mais um momento de tensão se instaura: como será possível salvar Berenice, se complicadores aparecem nos momentos mais decisivos?

Todos os preparativos são feitos para o assassinato do mordomo e de Berenice, ambos inconscientes, pois drogados, são amarrados no próprio buggy, pelo corcunda que:

[...] pulou fora do *Buggy*, desbrecou o freio de mão, deixou ligado o motor, os três foram para trás do carro, deram o primeiro empurrão, havia pequeno declive e o carro começou a rodar sozinho para o barranco.

As águas da represa estavam escuras e paradas: não havia vento.

Os sonhos de futuro alegre da Berenice e do Abreu haviam terminado. (MARINHO, 2007, p.130)

Quando o carro está prestes a cair na represa, eis que surge o Gordo. Ele salta no buggy que descia para o precipício e consegue não só freá-lo, como dar a ré no momento exato em que os pneus da frente já se encaminhavam para o vazio. Com a ajuda de seu cão feroz, Pancho, imobiliza os bandidos. A polícia chega, bem como a ambulância. Márcio, Iervadhu e Serapião são levados à delegacia e confessam os crimes cometidos.

A história poderia terminar aqui, mas há outros fatores não esclarecidos, como o envenenamento da mulher do zelador da escola por outra substância: arsênico. O leitor tem acesso a essa informação por meio do diálogo entre Hugo Ciência e o Gordo que assume essa investigação. Assim, Márcio não foi o responsável pela morte de sua tia, embora tenha tentado. A maçã que sua esposa farmacêutica preparara para envenenar a escritora foi

parar, assim, como as outras, na casa do zelador. Sua esposa a comeu, mas não morreu, pois, segundo Hugo, era “[...] forte como um armário” (MARINHO, 2007, p.121). Na confusão, Márcio achou que fosse o assassino e acabou sendo vítima das chantagens de Serapião e do guru.

Quando se pensa que o caso está resolvido, o Gordo inicia novas investigações e descobre que o verdadeiro assassino da escritora é o pai do Carlos Eduardo que, a fim de atenuar o sofrimento do filho, entrega-lhe uma maçã com cianureto. Pode-se notar, então, que a sua intenção não era a de provocar a morte de Rosinha, mas sim a do próprio filho. O leitor acompanha o desenrolar das duas investigações, tendo uma visão privilegiada de todo o processo em relação às personagens da história. A estas cabe apenas o que é selecionado, por exemplo, quando Hugo Ciência pergunta ao Gordo sobre o verdadeiro assassino, este responde: “– O Abreu: de vez em quando apronta estas vingancinhas. Como é a primeira tentativa de assassinato, meu pai perdoou, disse que na segunda leva uma suspensão por três dias e na terceira é despedido sem direitos.” (MARINHO, 2007, p.151)

Instaura-se, desse modo, o *non sense* na narrativa que, justamente, por isto, produz efeito de humor, pois família alguma manteria um mordomo assassino em seu convívio ou, ainda, agiria diante de evidências tão fortes, como um diretor de escola que dá suspensão de três dias por um comportamento inadequado. A mentira do jovem protagonista abarca seu referencial de mundo quanto à punição e leva à reflexão crítica, pelo viés irônico, acerca da efetividade dos procedimentos adotados em escolas. A ironia e o *non sense* são constantes nas narrativas de Marinho e, segundo Lajolo e Zilberman (1999), responsáveis pela sua inovação da história policial.

Ao longo da narrativa, há pistas que mostrarão que as evidências não satisfazem toda a resolução do crime levantado por Berenice. O Gordo seguirá uma linha de raciocínio diferente, pois escuta a conversa de seus pais sobre o sobrinho de Rosinha, seu Márcio, pai do Rodolfo, único herdeiro da fortuna da tia. Eles lamentam o fato de sua esposa ter enlouquecido justo quando a família consegue uma ótima herança. Como Rodolfo não entrou na lista de suspeitos, não foi cogitada a possibilidade de estar envolvido no crime. É possível perceber que Gordo segue essa linha ao pedir que Hugo Ciência colete a urina da mulher do zelador que passara mal após comer as maçãs que eram para Rosinha e, por isso, acreditava estar grávida. Pelo exame, descobrem a presença de arsênico e de que há, portanto, mais de um envolvido no assassinato, assim como mais de uma maçã envenenada.

Embora a obra receba o nome de Berenice como detetive, esta apenas inicia e conduz o andamento da investigação. Quem realmente

começa a desvendar o crime é o Gordo que, após ouvir a conversa de seus pais, imagina: “Hum, a nossa turminha toda sabia que o Rodolfo é sobrinho da Rosinha. Ninguém se ligou nisso porque o Rodolfo não deu maçã.” (MARINHO, 2007, p.85).

Em meio aos acontecimentos, o Gordo reconhece Deborah, mãe de Anderson e esposa do cônsul norte-americano, andando na rua. Ela toma um táxi e ele a segue sorrateiramente até um requintado bar. Ele descobre que a mulher não saíra do país e discute com três homens sobre o sequestro de americanos pelo Irã. O cônsul americano mentira quando dissera que a esposa era alcoólatra e estavam se separando. O jovem herói percebe o engodo, pois a mulher toma uma Coca-Cola. A separação do casal fora simulada para esconder a negociação que ela realizava com o fito de resgatar seu pai que, também, fora sequestrado.

Na esteira de Lobato, Marinho consegue introduzir uma linguagem narrativa próxima do leitor, para tanto, vale-se dos expedientes da publicidade, do cinema e dos clichês presentes nas diversas mídias, bem como do contexto histórico e político, para produzir uma obra voltada especificamente para seu público. Em meio à narrativa, há a presença de elementos da política externa, como se vê no conflito entre Estados Unidos e Irã, além da Guerra Fria, representada pela preocupação da Rússia e dos Estados Unidos em investir em pesquisas genéticas, visando à criação do homem perfeito.

Marinho aborda dados do cotidiano, tanto nacionais e internacionais, pelo viés cômico, irônico e crítico, incorporando-os na narrativa, mesmo que de modo hiperbólico, exagerado. O desfecho inesperado do seu enredo, com a explosão do quarto do Gordo, requer do jovem leitor resgate de sua memória, pois, somente por meio dela, deduzirá que a ação foi realizada a mando de Deborah, mãe de Anderson, pois ela temia que viesse a público sua negociação com os iranianos para a soltura de americanos sequestrados. Vale destacar que o Gordo dissimula para os próprios pais as motivações da explosão, afirmando que fora um experimento com gás que dera errado. Desse modo, ele acoberta ações de adultos, revelando uma superioridade emocional e lógica que não escapa ao jovem leitor e, por isto, confere-lhe prazer e identificação.

#### QUEM É AFINAL O DETETIVE?

Pela leitura da obra, pode-se notar que quem instaura a investigação é Berenice, apoiada pelo Gordo. Como ela sabe que havia

veneno em uma das maçãs, opta por listar todos que deram essa fruta para Rosinha no dia de sua morte, bem como a profissão de seus pais. Quando questionada de forma cômica, pelo amigos, sobre o fato de um assassino precisar trabalhar para matar alguém, responde: “Claro que não. Mas começamos por aqui, se houver outros caminhos, eles irão aparecendo.”(MARINHO, 2007, p.43). Como em toda investigação, Berenice afirma que se começa de algum ponto e, à medida que as pistas vão surgindo, novos rumos são tomados. Ela interroga todos os pais sobre a razão de terem dado uma maçã a seus filhos no dia da visita de Rosinha. Com essas informações, conduz a investigação, somando com as que vão surgindo, como as pesquisas sobre genética de Rosinha, com financiamento estrangeiro, que evoca o embate entre americanos e russos, inclusive, com cartas anônimas. Esses fatores históricos contribuem para criar a atmosfera de suspense e para estabelecerem contrapontos às pistas encontradas. O leitor se indaga se o crime tem ou não motivos políticos. Ainda mais quando verifica que há um bilhete ameaçador dirigido à escritora.

Por fim, Berenice consegue comprovar a sua tese de que Serapião estava chantageando o assassino da escritora. No entanto, o leitor descobre que o responsável pela morte de Rosinha é Alberto, pai do Carlos Eduardo, que não queria ver o filho sofrendo com o tratamento do câncer. Para ele, uma morte mais rápida com cianureto era a solução. Márcio, sobrinho da escritora, por sua vez, acreditou ser o assassino, já que tentara envenená-la, a fim de ficar com sua herança, pois sua família sempre passara por privações financeiras.

O Gordo segue a linha de raciocínio de Berenice, mas como as investigações foram relacionadas aos que haviam entregue maçãs e, como a princípio, Rodolfo, filho de seu Márcio dera uma cafeteira, sendo induzido por Márcio a esconder que também dera maçã, os detetives mirins descartaram a hipótese de seu envolvimento no assassinato. Pelo desenrolar da trama, pode-se identificar duas investigações paralelas: uma de Berenice e outra do Gordo. No final do livro, sabe-se que dois crimes com objetivos opostos ocorreram. O primeiro foi motivado pela ganância para obtenção da herança de um parente. O segundo, pelo desejo de Alberto de encerrar o sofrimento de seu filho com câncer. Esse pai havia entregue uma maçã ao filho, que a forneceu à Rosinha como presente. O pai pede, então, à Gisèle, namorada do filho, que diga, durante as investigações, que dera a maçã e o namorado, o perfume importado. Todavia, o Gordo descobre que o perfume só poderia ter sido dado pela garota, pois sua mãe chegara recentemente com vários de uma viagem à Europa.

O Gordo mantém a promessa feita ao pai de Carlos Eduardo de manter sigilo, contudo oferta-lhe os serviços do seu advogado. Alberto, ao término da narrativa, telefona para o Gordo e informa que decidira assinar uma confissão, pois o advogado dissera que pegaria pena mínima com prisão domiciliar ou, talvez, fosse até absolvido. Assim, superpõem-se duas tentativas de homicídio – a de Márcio e de Alberto –, mas com objetivos diferentes.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Berenice Detetive* reúne elementos da narrativa policial, conduzindo o leitor para a investigação de duas tentativas de assassinato, em que uma se efetiva. As protagonistas valem-se de sua inteligência, mais do que da força bruta, visto sua idade e limitações naturais no embate com os criminosos. Com uma narrativa que prende o leitor e o conduz por um labirinto de possibilidades, há investigações para saber quem envenenou a escritora. Para resolução do crime, o leitor conta com a perspicácia dos agentes Berenice e Gordo, em investigações paralelas.

Embora a narrativa discorra sobre um homicídio, o jeito bem humorado de Marinho se evidencia. A partir de expedientes comuns ao gênero policial, ele inova, ao adotar uma postula que beira o cômico. Ele mescla cenas de grande tensão com a de descrições pormenorizadas de uma sala ou de uma tarde primaveril. Contudo, sempre o faz, pelo viés parodístico. Um exemplo pode ser visto na cena de namoro entre Berenice e Gordo, em que transitam pelo centro de São Paulo. Ela, de forma irônica, retoma descrições do Romantismo:

É o ar da primavera gordo. Veja como florescem a tipuana e a sibipiruna, os colibris gorjeiam em volta do jacarandá mimoso, a cotovia se perfuma do rosa-avermelhado do resedá, o rouxinol se embriaga de lilases de Santa Bárbara, o bem-te-vi admira a exótica glória-da-manhã: eu e você, entes primaveris, caminhamos ao suave odor de lírios e margaridas, aspirando as infinitas cores do gerânio e a delicadeza do agapanto, e você, poeta bardo, curva-se e enche-me os braços de tulipas e de begônias. (MARINHO, 2007, p.65)

Enquanto ele, pragmático, afirma: “Não estou vendo nada disso [...]. O que eu vejo é caminhão, automóvel, fumaça, e um trombadinha te seguindo, de olho na tua correntinha de ouro. Talvez ele seja o poeta bardo, desejando o colibri de tua correntinha.” (MARINHO, 2007, p.65).

Marinho articula com maestria contexto histórico, social e político da década de 1980 com o universo da Turma, sem tornar a história artificial ou desagradável ao seu público leitor. Além disso, proporciona ao seu leitor uma atmosfera de suspense em que suas protagonistas precisam lidar com agentes americanos e russos, além de iranianos, cujos interesses podem ser conflitantes. Pela tipologia de Todorov (1970), sua obra enquadra-se no romance de suspense, prendendo o interesse do jovem leitor não só para o que aconteceu, mas também para o que acontecerá mais tarde, no futuro. Durante a leitura, esse leitor se interroga sobre passado, pela curiosidade em saber como se explicam os acontecimentos presentes; e sobre o futuro para conhecer qual será o destino das personagens principais.

Justamente, o final surpreendente, o andamento das investigações que se desdobram em duas camadas, prendem a atenção do leitor, levando-a a rever seus conceitos prévios sobre desfechos únicos e fechados de histórias detetivescas, cujas motivações, em geral, referem-se a ganho de capital e/ou de poder. Em síntese, sua narrativa, pela tensão e expectativa; pelo humor e *non sense*; e pelo instaurar de vazios complementares que geram comunicabilidade, surpreende, captura e seduz o jovem leitor, além de fornecer-lhe prazer na leitura.

## REFERÊNCIAS

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: séculos XIX e XX*. 4.ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999, vol. 2.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1999.

MARINHO, João Carlos. *Berenice detetive*. 14.ed. São Paulo: Global, 2007.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. Narrativas de suspense. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de; TURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Literatura infanto-juvenil: prosa e poesia*. Goiânia: Editora da UFG, 1995. Coleção Hórus, p. 107-122.

TODOROV, Tzvetan. Tipologia do romance policial. In: \_\_\_\_\_. *As estruturas Narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1970, p. 93-104.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.